

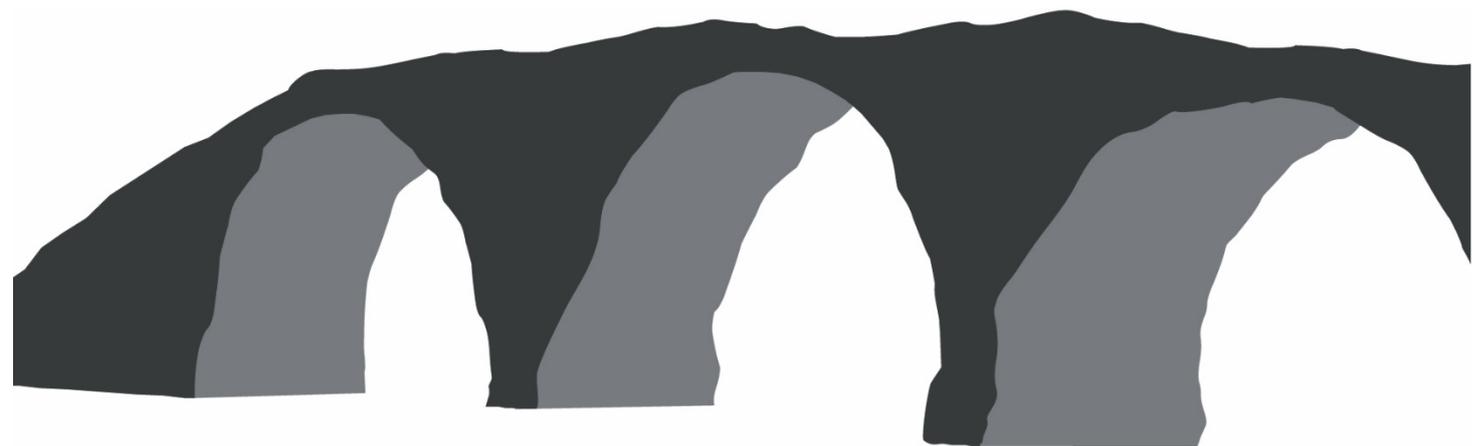
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 16 | Número 2 | Julho – Dezembro 2022
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

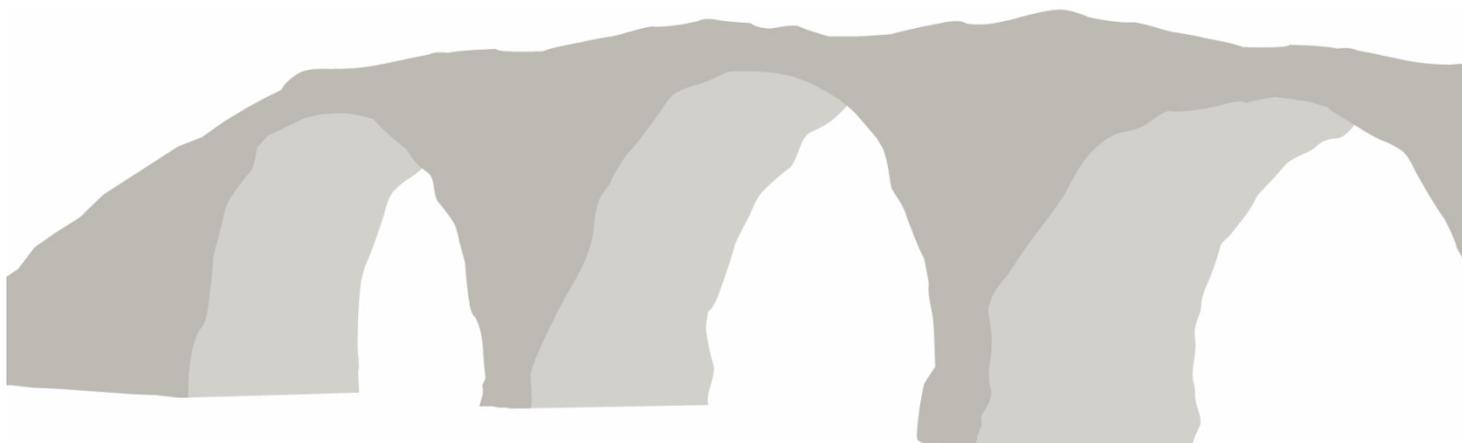
**ABORDAGENS TEÓRICAS NO ESTUDO DO TABACO E DO FUMO, NA
ARQUEOLOGIA HISTÓRICA**

**APROXIMACIONES TEÓRICAS EN EL ESTUDIO DEL TABACO Y EL FUMAR,
EN LA ARQUEOLOGÍA HISTÓRICA**

**THEORETICAL APPROACHES TO STUDYING TOBACCO AND SMOKING IN
HISTORICAL ARCHAEOLOGY**

Georgia L. Fox





Publicação original:

Fox, Georgia (2015). Theoretical Approaches to Studying Tobacco and Smoking in Historical Archaeology. In: Fox, G. The Archaeology of Smoking and Tobacco. Gainesville: University Press of Florida, pp. 8-15. Sua nova publicação neste volume foi realizada com a permissão da University Press of Florida. Foi autorizada também pela autora.

Tradução: Sarah de Barros Viana Hissa

**ABORDAGENS TEÓRICAS NO ESTUDO DO TABACO E DO FUMO, NA
ARQUEOLOGIA HISTÓRICA¹**

**APROXIMACIONES TEÓRICAS EN EL ESTUDIO DEL TABACO Y EL FUMAR,
EN LA ARQUEOLOGÍA HISTÓRICA**

**THEORETICAL APPROACHES TO STUDYING TOBACCO AND SMOKING IN
HISTORICAL ARCHAEOLOGY**

Georgia L. Fox²

¹ Tradução: Sarah de Barros Viana Hissa - Pós-doutoranda no Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFMG (Bolsa CNPq/PDJ Processo nº 163525/2020-0). Doutora pelo Museu Nacional da UFRJ, bolsa FAPERJ. Pós-doutorado concluído (UFMG; Bolsa CNPq/PDJ Processo nº 157943/2018-6). <http://orcid.org/0000-0003-1623-8737>; <https://ufrj.academia.edu/SarahHissa>; <http://lattes.cnpq.br/1877519135549670>; https://www.instagram.com/cachimbos_arqueologicos_brasil

² Dra. Georgia L. Fox é docente na California State University Chico (Department of Anthropology) desde 2001 e co-diretora do Museum Studies Program/Valene L. Smith Museum of Anthropology. Tem várias publicações sobre cachimbos arqueológicos e o fumo. Email: GFox@csuchico.edu.

INTRODUÇÃO

Uma vez que o tabaco é fumado, mastigado ou inalado – como qualquer substância relacionada à comida – ele desaparece, muitas vezes substituído pelo desejo de mais. A natureza efêmera do tabaco e o seu uso como bem de consumo o tornaram uma das primeiras mercadorias não essenciais na história do início do mundo moderno. Para explicar o papel do tabaco em quatro séculos de transformações culturais e econômicas, este livro³ emprega duas abordagens teóricas para o estudo do tabaco na arqueologia histórica: análise de sistemas-mundo e teoria do consumidor. Ambas essas perspectivas teóricas são adequadas para este estudo em particular, porque como a arqueologia histórica é multiescalar, os sistemas-mundo e a teoria do consumidor permitem uma visão macro, enquanto a teoria do consumidor, em uma escala micro, acomoda a ação humana e a agência para explicar mudanças culturais no desenrolar da modernidade (Hall & Silliman, 2006, p. 9).

ANÁLISE DE SISTEMAS MUNDIAIS

A Análise (ou Teoria) do Sistema-Mundo, inspirada por Fernand Braudel e proposta por Immanuel Wallerstein e André Gunder Frank, fornece uma estrutura útil para os arqueólogos que trabalham com o início do período moderno, porque permite o estudo da mudança cultural em larga escala (Braudel, 1979; Lucas, 2006, p. 39). Wallerstein introduziu pela primeira vez a análise do sistema-mundo (também conhecida como "teoria da dependência") em 1974 em seu livro seminal, *The Modern World System*. Como cientista social, o objetivo de Wallerstein era criar um modo construtivo de examinar e analisar a história mundial e as mudanças sociais através de uma abordagem multidisciplinar em ampla escala. Como um estudioso da África pós-colonial, Wallerstein se interessou em como as relações de dependência resultaram da *longue durée* de uma economia capitalista mundial e industrialização emergentes, iniciadas com os desenvolvimentos do século XVI. O trabalho de André Gunder Frank sobre o colonialismo na América Latina (1978) também desempenhou um papel fundamental na criação do modelo de sistemas-mundo.

A ascensão da hegemonia britânica através da colonização e do comércio oferece um exemplo excepcional da teoria do sistema-mundo em ação. Aplicando o modelo de Wallerstein à América britânica, o sistema é caracterizado por um conjunto de mecanismos que redistribuem recursos, como matérias-primas da periferia (neste caso as colônias do Novo Mundo) para o núcleo, o centro do poder (Londres e, posteriormente, Bristol, pois mais de um núcleo econômico pode existir simultaneamente) (Braudel, 1977, p. 81-82). Nesse cenário, as áreas periféricas são divididas em duas zonas: a zona semiperiférica ou média, caracterizada por alguns atributos tanto do centro quanto da periferia, mas muitas vezes explorada pelas potências centrais; e as áreas periféricas maiores e mais distantes, caracterizadas pela produção de mão-de-obra intensiva e tecnologias simples (Eisenmenger & Giljum, 2007, p. 293).

Por exemplo, no que se refere ao tabaco, na relação centro-periferia, as colônias do Caribe e da região estadunidense de Chesapeake cultivaram essa matéria-prima, fornecendo a Londres barris cheios de folhas de tabaco bruto não processado. O tabaco era selecionado e preparado para fumar, para depois ser reexportado e

³ Nota da tradutora: Fox, G. *The Archaeology of Smoking and Tobacco*. Gainesville: University Press of Florida.

distribuído novamente para as colônias e outros lugares, onde seria apreciado pela crescente população burguesa de fumantes. Por sua vez, para fornecer o produto de tabaco bruto, as colônias dependiam e recebiam produtos manufaturados, como materiais de construção, móveis, ferramentas e alimentos produzidos nas principais áreas de manufatura da Grã-Bretanha. Esses bens permitiram aos colonos estabelecer e sustentar seus assentamentos e criar um nível de conforto para aqueles que viviam em circunstâncias por vezes incertas e hostis. Londres, como o núcleo de operações, contou com a Coroa e com uma variedade de investidores para tomar decisões de negócios astutas baseadas no capital econômico, social e político londrino (Abel, 2007, p. 56).

O modelo dos sistemas-mundo também inclui a semiperiferia. No caso do tabaco, a semiperiferia entre Londres e as colônias produtoras de tabaco do Novo Mundo incluiria importantes cidades portuárias e adensamentos como Boston, Nova York e Filadélfia. Essas entidades semiperiféricas forneceram acesso a bens e atores-chave envolvidos no comércio marítimo, lubrificando assim as rodas do comércio entre Londres e, digamos, Barbados. Alguns pesquisadores como Gil Stein (1999, p. 18) questionam se as áreas semiperiféricas realmente atuaram como amortecedores estabilizadores entre o núcleo e a periferia. Entretanto, foram elas que forneceram os contatos e os mercados muito necessários para as colônias britânicas, até mesmo quando circunstâncias imprevistas, como guerra, embargos e bloqueios relacionados, interromperam o fluxo normal. Por um tempo, o sistema foi bem orquestrado, mas na verdade estava sujeito a flutuações, interrupções e reviravoltas inesperadas.

Como abordagem teórica, a teoria dos sistemas-mundo provou ser adequada para analisar eventos e resultados a partir de uma perspectiva antropológica, mas recebeu críticas em várias frentes. O principal argumento entre as opiniões divergentes é o de que a colonização não foi central para o desenvolvimento econômico da Inglaterra. Tal argumento baseia-se na ideia de que o comércio colonial era insuficiente para justificar qualquer fonte significativa de capital. Portanto, os mercados coloniais eram simplesmente pequenos demais para induzir qualquer tipo real de desenvolvimento industrial em áreas centrais como Londres (O'Brien, 1982; McCusker & Menard, 1991, p. 44).

Em alguns casos, esse argumento é válido. No entanto, no caso do tabaco, os benefícios superaram as desvantagens. Um olhar mais atento à última parte do século XVII revela um próspero comércio ultramarino para a Inglaterra; o sistema integrado de comércio entre a Europa e suas colônias no século XVIII pode ser considerado um dos primeiros mercados "globais" do mundo atlântico (Hancock, 2000, p. 106). Esse mercado foi alimentado pela introdução do tabaco como uma *commodity* comercializável proveniente das colônias caribenhas e da região de Chesapeake. De fato, produtos agrícolas como açúcar e tabaco estimularam a economia da Inglaterra. No início da década de 1770, as exportações agrícolas americanas para a Grã-Bretanha representavam 40% do comércio exterior, com as colônias importando outros 40% dos produtos manufaturados britânicos (Price, 1978, p. 122-123; Nash, 1999, p. 95, 98; McCusker, 1997, p. 314). A isso se soma o emprego de trabalhadores britânicos no processamento de matérias-primas importadas das colônias (Price, 1978, p. 123).

Outra crítica à teoria dos sistemas-mundo tem sido a ausência de povos e indivíduos indígenas "sem voz" na periferia, que faziam parte dos processos históricos tanto quanto aqueles que detinham as rédeas do poder (Wolf, 1982; Stein, 1999, p. 19). Em termos da trajetória do tabaco, este foi um setor significativo de participantes e atores na adoção do tabaco e do fumo, principalmente africanos e indígenas.

Estudiosos recentes propuseram que outros agentes influenciaram as trocas no sistema-mundo, incluindo fatores geopolíticos e militares, papéis e relações de gênero, comunicações, crescimento urbano e

cosmopolitismo, e a crescente importância de bens de luxo e prestígio (Chase-Dunn & Hall, 1997, p. 13, 59; Hall, 2000; Hughs, 2012; Fox, 2004, p. 87-88). Wallerstein inclui, em suas formulações, as mercadorias "a granel", que foram necessárias para que as colônias sustentassem sua existência, principalmente no início. No entanto, a teoria dos sistemas-mundo erra o alvo em que itens de luxo e não essenciais (como cachimbos, por exemplo) figuravam com destaque no comércio colonial. Embora Wallerstein (1974, p. 302) reconhecesse que existia um comércio especializado no que ele chamava de "preciosidades" (itens não necessários para a sobrevivência), ele negligenciou o aumento da *demanda* pré-industrial do consumidor por bens de luxo. Para muitos arqueólogos do período histórico, milhares de artefatos e documentação na forma de inventários de testamentos e registros de cargas coloniais fornecem evidências convincentes para apoiar isso. A natureza humana funciona como um poderoso motivador para gastar e adquirir qualquer coisa, desde o tabaco à porcelana chinesa. Estudos recentes de Carole Shammas (1990, 2000), Lorna Weatherill (1988) e outros desafiam a suposição comum de que a "revolução do consumidor" não começou até a Revolução Industrial. A rápida aceitação do tabaco fornece um exemplo robusto de comportamento ativo do consumidor pré-industrial. Embora os fumantes possam discordar, o tabaco não era uma necessidade no século XVII, ou mesmo hoje.

Em *Capitalism and Material Life, 1400-1800*, Fernand Braudel (1973, p. 188) observa que alimentos estimulantes, tais como chá, café, açúcar e chocolate, animavam a monotonia da vida cotidiana; e chega ao entendimento de que[?] "toda civilização precisa de luxos e estimulantes alimentares". O capricho pela pimenta e especiarias na Europa Ocidental nos séculos XII e XIII é um excelente exemplo, seguido pelo álcool no século XVI e depois pelo "chá e café, para não mencionar o tabaco" (Braudel, 1973, p. 188). Como observa Sidney Mintz (1996, p. 19), o desejo por esses estimulantes se desenvolveu durante a expansão ultramarina e a conquista colonial. A colonização se tornou o *ganso de ouro* das iniciativas econômicas que garantiriam mercados no exterior, receitas de bens tributados e a produção de *commodities* especializadas (Frank, 1978, p. 65; Wallerstein, 1980, p. 7). Até a adoção em larga escala do açúcar como monocultura predominante nas Américas, o tabaco era a cultura mais lucrativa nos primeiros esforços de colonização inglesa, particularmente no Caribe e em Chesapeake (Menard, 1980, p. 151; Nash, 1999, p. 95). Colocando de forma simples, o desejo pelo tabaco ajudou a alimentar o sistema mundial de colonização e comércio em desenvolvimento.

Hancock (2000, p. 106-107) sustenta que o tabaco exemplifica idealmente a natureza "*hub and spoke*" da teoria da dependência. Como mercadoria agrícola, o comércio de importação/exportação de tabaco era financiado e administrado por vários investidores, capitães do mar e comerciantes que enviavam e processavam as folhas de tabaco bruto e depois reexportavam o tabaco processado de volta às colônias. Essas atividades envolveram uma gama cada vez maior de corretores em Londres, Glasgow, Bristol, Liverpool e Whitehaven. A aplicação das restrições estabelecidas pelos Atos de Navegação Ingleses para proteção contra a concorrência estrangeira também garantiu o domínio contínuo de Londres e Bristol sobre a periferia colonial (Hancock, 2000, p. 106-107).

Como afirma Russell Menard (2007, p. 310), antes da aprovação do primeiro Ato de Navegação em 1651, as iniciativas inglesas na América consistiam em "uma associação informal, unificada pela subordinação das várias colônias à coroa, por meio da cultura e identidade comuns dos colonos e, mais importante, pelas atividades dos mercadores de Londres que ligavam as empresas relativamente distintas ao redor do Atlântico, da Nova Inglaterra ao Caribe, em um todo comercial mais ou menos coerente". Os Atos de Navegação Ingleses, portanto, forneceram uma estrutura formal para proteger os interesses e investimentos ingleses em *commodities* agrícolas como açúcar e tabaco, que eram essenciais para estabelecer a base do sistema-mundo em

desenvolvimento. O desejo por tais *commodities* garantiu à Grã-Bretanha um lugar de destaque no cenário mundial, com a mais formidável marinha e poder hegemônico para defender seus investimentos de capital em todo o mundo.

TEORIA DO CONSUMIDOR

A cultura do tabaco e do fumo começou como uma novidade, um produto de luxo que rapidamente se transformou em produto popular e não essencial: de preço acessível para a maioria, facilmente obtido e em alta demanda. Se o tabaco era e ainda é desejado como uma não necessidade, qual tem sido seu apelo de longo prazo como bem de consumo? Para os arqueólogos históricos, uma das maneiras de abordar essa questão é considerar a *teoria do consumo* como uma explicação para os desenvolvimentos históricos ocorridos do século XVI ao início do século XX.

Dois mecanismos de demanda do consumidor, emulação e desejo, fornecem uma maneira de "fechar a lacuna" que a teoria dos sistemas-mundo cria para explicar a popularidade dos bens de consumo. A teoria da percolação (*trickle down*) de Thorstein Veblen, como apresentada em seu trabalho pioneiro, *The Theory of the Leisure Class* (1899), nem sempre é adequada para explicar certos aspectos do comportamento do consumidor. Entretanto, no caso do tabaco, ela faz sentido, pelo menos no que se refere à adoção precoce do tabaco nos séculos XVII e XVIII. Como observa Paul Mullins (2011, p. 42-43), o problema com o modelo de Veblen é sua excelência em explicar os mecanismos de emulação e desejo, mas a sua falha em explicar o porquê do apelo de uma mercadoria. Essencialmente, isso retira dos consumidores o poder de suas escolhas pessoais e a agência para agir em seu próprio nome. Ao examinar o tabaco e o fumo, uma abordagem mais completa seria incluir tanto as forças externas (como salários e preços) que atuam na agência individual quanto os aspectos de escolha pessoal.

Embora a emulação e o desejo sejam modelos úteis para investigar o comportamento do consumidor no início do período moderno, eles não são tão eficazes para determinar o apelo de massa gerado pelo tabaco e fumo para o século XIX e início do século XX, como se relacionam com a experiência americana. Para os propósitos deste estudo, um método mais adequado é investigar o comportamento do consumidor por meio da política e da identidade. Para evitar a armadilha do essencialismo, em que a escolha do consumidor é ditada pelos fatores históricos objetivos que influenciam a vida das pessoas, incluindo cultura e geografia, uma abordagem mais matizada seria examinar esses fatores e a maneira "como as pessoas definem ativamente a si mesmas e aos outros" (Mullins, 2011, p. 115). Isso apresenta seus próprios desafios, pois os arqueólogos estão cientes das armadilhas de se tentar identificar marcadores étnicos no registro arqueológico.

Como Mullins reflete (2011, p. 2-3), o consumo é uma área complexa de pesquisa para arqueólogos históricos, através da qual estes são "compelidos a lidar com dimensões um tanto confusas de desejo, de fluidez de identidade e de multivalência simbólica". Da *Distinção* de Pierre Bourdieu (1984) à *Experiência Estética* de Jacques Maquet (1988), o comportamento do consumidor pode ser visto de várias perspectivas úteis aos antropólogos, mas cada construção tem suas vantagens e desvantagens. Por exemplo, ao estudar um ato aparentemente tão simples como fumar um cachimbo, o arqueólogo pode adotar a abordagem de Bourdieu, explicando o conhecimento não discursivo e as experiências de certos grupos e indivíduos sobre o porquê de fumarem, mas ignorando suas características internalizadas e complexas, bem como, às vezes, suas

sensibilidades contraditórias. Como Mullins (2011, p. 2-3) bem aponta, não podemos reduzir o simbolismo material a noções explícitas de identidades humanas e atribuir coerência racional onde ela pode não existir. O próprio comportamento do consumidor nem sempre é racional.

Os desafios são reais para os arqueólogos históricos, mas o registro arqueológico oferece algum nível de consistência, fornecendo um corpo de artefatos para pesquisa e análise, a oportunidade de consultar registros históricos e um rico tesouro de imagens, para não mencionar histórias orais. Em suma, em vez de tentar impor uma teoria unificadora do consumo, no que se refere ao tabaco e ao ato de fumar, um estudo muito mais convincente é criado, de modo que estes sejam visualizados como uma forma de consumo, mas a partir de diferentes abordagens dentro da teoria do consumo. O simples cachimbo fornece uma ilustração disso. A produção em massa desses cachimbos produzidos em molde já no século XVII não apenas revela o desejo de consumir tabaco, mas reflete a natureza descartável dos cachimbos, tanto aqueles produzidos localmente quanto os importados. Isso resultou em quantidades consideráveis de cachimbos em sítios arqueológicos por todo o mundo, particularmente em colônias do Novo Mundo, como em Port Royal, na Jamaica, onde milhares deles foram recuperados em dez anos de escavação. Sem o desejo pelo tabaco e seu consumo, o registro arqueológico provavelmente seria parco em vestígios de cachimbos, já que eles foram produzidos, distribuídos e usados em grandes quantidades; contudo servem como prova da popularidade do tabaco como uma mercadoria altamente desejada.

O tabaco e o fumo em Port Royal, na Jamaica, no século XVII, oferecem excelente estudo de caso para examinar aspectos do desejo e da emulação (ver capítulo 6⁴). No entanto, em contextos urbanos e rurais na história americana, eles podem ser mais bem investigados e apreciados por meio do foco na formação da identidade e na política desde o início da colonização até os tempos mais recentes (ver capítulo 5⁵). Enfatizando desde trabalhadores irlandeses a soldados na fronteira colonial americana, esse aspecto da teoria do consumo fornece, aos arqueólogos históricos, os caminhos para aprofundar no estudo dos códigos culturais de vários grupos, bem como dos significados mais profundos do consumo de tabaco e da cultura material de fumar. Assim, artefatos do passado recente podem dizer muito sobre as pessoas que os fizeram e os usaram. Séculos de silêncio são quebrados pelo poder do cachimbo, revelando as esperanças, os desejos e a existência do “povo”, com narrativas desempacotadas e carregadas de sentido.

CONCLUSÃO

Ao utilizar a análise dos sistemas-mundo e da teoria do consumo, os arqueólogos históricos podem investigar os mecanismos de mudança cultural no que se refere à adoção do tabaco. A teoria dos sistemas-mundo ilustra as complexas dependências entre os centros de poder e as periferias coloniais no início da era moderna, traçando como e quando elas se desenvolveram. Através das iniciativas dos primeiros agricultores nas colônias da região de Chesapeake e no Caribe, bem como de investidores e intermediários, o tabaco tornou-se uma das primeiras grandes *commodities* agrícolas no sistema-mundo de mercados e comércio transatlântico

⁴ Nota da tradutora: Do livro Fox, G. *The Archaeology of Smoking and Tobacco*. Gainesville: University Press of Florida.

⁵ Nota da tradutora: Idem.

em desenvolvimento. As matérias-primas eram importadas das colônias, processadas, depois reexportadas e tributadas como bens não essenciais.

Nada disso seria possível sem a demanda do consumidor e o desejo pela erva de folhas largas, que ganhou popularidade com um fervor até então desconhecido na história da humanidade. Logo atrás estava a demanda por açúcar, significando interesses crescentes em novas sensações gustativas e provocando mudanças nas preferências e hábitos humanos. A teoria dos sistemas-mundo falha em abordar o desejo humano, um elo vital para a criação e sustentação de mercados. É aqui onde a teoria do consumo pode preencher essas lacunas, não apenas por sua capacidade de dar conta do desejo humano, mas também por sua capacidade de expandir o amplo espectro de identidades individuais e coletivas dentro desses contextos em transformação. A moeda e o capital podem fazer o mundo girar, mas o desejo e a escolha das pessoas ajudam a ativar o fogo da mudança à medida que as culturas e sociedades humanas se adaptam e se ajustam às suas realidades em seus presentes e antecipam os seus futuros. Nesse sentido, a arqueologia histórica está bem equilibrada para abordar grandes e pequenas mudanças ao longo do tempo por meio do estudo e da análise do tabaco e do fumo, conforme ilustrado nos capítulos seguintes.

REFERÊNCIAS

- Abel, T. (2007). "World-Systems as Complex Human Ecosystems." In Hornborg, A. e Crumley, C. (eds.). *The World System and the Earth System*. Pp. 56–73. Walnut Creek: Left Coast Press.
- Bourdieu, P. (1984). *Distinctions: A Social Critique of the Judgment of Taste*. Cambridge: Harvard University Press.
- Braudel, F. (1973). *Capitalism and Material Life, 1400–1800*. Nova Iorque: Harper and Rowe.
- Braudel, F. (1977). *Afterthoughts on Material Civilization and Capitalis*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Braudel, F. (1979). *The Structures of Everyday Life: The Limits of the Possible*, Vol. 1. Nova Iorque: Harper and Row.
- Chase-Dunn, C. & Hall, T. D. (1997). *Rise and Demise: Comparing World-Systems*. Boulder: Westview Press.
- Eisenmenger, N. & Giljum, S. (2007). "Evidence from Societal Metabolism Studies for Ecological Unequal Trade." In In Hornborg, A. e Crumley, C. (eds.). *The World System and the Earth System*. Pp. 288–302. Walnut Creek: Left Coast Press.
- Fox, G. L. (2004). "Little Tubes of Mighty Power: How Clay Tobacco Pipes from Port Royal, Jamaica, Reflect Socioeconomic Change in Seventeenth-Century English Culture and Society." In Werner, C. e Bell, D. (eds.). *Values and Valuables: From the Sacred to the Symbolic*. Pp. 79–100. Walnut Creek: AltaMira Press.
- Frank, A. G. (1978). *World Accumulation, 1492–1789*. Nova Iorque: Monthly Review Press.
- Hall, T. (2000). "Frontiers, Ethnogenesis, and World Systems: Rethinking the Theories." In Hall, T. (ed.). *A World-Systems Reader*. Pp. 237–270. Nova Iorque: Rowman and Littlefield.
- Hall, M. & Silliman, S. W. (2006). "Introduction: Archaeology of the Modern World." In Hall, M. e Silliman, S. W. (eds.). *Historical Archaeology*. Pp. 1–19. Malden, Massachusetts: Blackwell Press.
- Hancock, D. (2000). "A 'Revolution in the Trade': Wine Distribution and the Development of the Infrastructure of the Atlantic Market Economy, 1703–1807." In McCusker, J. J. e Morgan, K. (eds.). *The Early Modern Atlantic Economy*. Pp. 105–153. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hughs, D. (2012). "A Case of Multiple Identities in La Florida: A Statistical Approach to Nascent Cosmopolitanism." *Historical Archaeology*, 46(1): 8–27.

- Lucas, G. (2006). "Historical Archaeology and Time." In Hicks, D. e Beaudry, M. C. (eds.). *The Cambridge Companion to Historical Archaeology*. Pp. 34–47. Cambridge: Cambridge University Press.
- McCusker, J. J. & Menard, R. R. (1991). *The Economy of British America, 1607–1789*. Chapel Hill: Institute of Early American History and Culture, University of North Carolina Press.
- McCusker, J. J. (1997). *Essays in the Economic History of the Atlantic World*. Nova Iorque: Routledge.
- Maquet, J. (1988). *The Aesthetic Experience: An Anthropologist Looks at the Visual Arts*. New Haven: Yale University Press.
- Menard, R. R. (1980). "The Tobacco Industry in the Chesapeake Colonies, 1617–1730. An Interpretation." *Research in Economic History*, 5: 107–177.
- Menard, R. R. (2007). "Plantation Empire: How Sugar and Tobacco Planters Built Their Industries and Raised an Empire." *Agricultural History*, 81(3): 309–332.
- Mintz, S. W. (1996). *Tasting Food, Tasting Freedom: Excursions into Eating, Culture, and the Past*. Boston, Massachusetts: Beacon Press.
- Mullins, P. R. (2011). *The Archaeology of Consumer Culture*. Gainesville: University Press of Florida.
- Nash, R. C. (1999). "The Organization of Trade and Finance in the British Atlantic Economy, 1600–1830." In Coclanis, P. A. (ed.). *The Atlantic Economy during the Seventeenth and Eighteenth Centuries: Organization, Operation, Practice, and Personnel*. Pp. 95–151. Columbia: University of South Carolina Press.
- O'Brien, P. (1982). "European Economic Development: The Contribution of the Periphery." *Economic History Review*, 35: 1–18.
- Price, J. M. (1978). "Colonial Trade and British Economic Development, 1660–1775." *Lex et Scientia: The International Journal of Law and Science*, 14: 101–126.
- Shammas, C. (1990). *The Preindustrial Consumer in England and America*. Oxford: Clarendon Press.
- Shammas, C. (2000). "The Revolutionary Impact of European Demand for Tropical Goods." In McCusker, J. J. e Morgan, K. (eds.). *The Early Modern Atlantic Economy*. Pp. 163–185. Cambridge: Cambridge University Press.
- Stein, G. (1999). *Rethinking World-Systems*. Tucson: University of Arizona Press.
- Veblen, T. (1899). *The Theory of the Leisure Class*. Nova Iorque: Dover.
- Wallerstein, I. (1974). *The Modern World System*. Nova Iorque: Academic Press.
- Wallerstein, I. (1980). *The Modern World System II. Mercantilism and the Consolidation of the European World-Economy, 1600–1750*. Nova Iorque: Academic Press.
- Weatherill, L. (1988). *Consumer Behavior and Material Culture in Britain, 1660–1760*. Londres: Routledge.
- Wolf, E. (1982). *Europe and the People without History*. Berkeley: University of California Press.